

## **ALBERT CAMUS, ARTISTA-FILÓSOFO: O ESTATUTO ESTÉTICO-POLÍTICO NA OBRA CAMUSEANA**

ALBERT CAMUS, ARTIST-PHILOSOPHER: THE AESTHETIC-POLITICAL STATUS IN  
CAMUS'S WORK

*André Luiz Pereira Spinieli<sup>1</sup>*

### **Resumo:**

O pensamento de Albert Camus é partidário de um lugar filosófico que assume o potencial transformador da experiência estética, supondo uma recusa (e não uma fuga) da realidade absurda e o seu consequente consentimento, como uma atitude que provoca a reconciliação entre o pensar e o agir humano como estruturas necessárias à reconstrução do real. Neste trabalho, apresentamos as trajetórias a partir das quais a filosofia camuseana resgatou o valor da estética como categoria vinculada a um estatuto também político, fornecendo uma nova maneira de interpretar a realidade. A partir disso, enfrentamos como a filosofia do autor franco-argelino enfrentou a aproximação entre a experiência estética, o agir humano e as questões políticas de seu tempo.

**Palavras-chave:** Albert Camus, estética, política

### **Abstract:**

Albert Camus's thought is in favor of a philosophical place that assumes the transformative potential of aesthetic experience, supposing a refusal (and not an escape) from absurd reality and its consequent consent, as an attitude that provokes reconciliation between thinking and human action as necessary structures for the reconstruction of reality. In this work, we present the trajectories from which Camus's philosophy rescued the value of aesthetics as a category linked to a political status, providing a new way of interpreting reality. From this, we face how the French-Algerian author's philosophy faced the rapprochement between aesthetic experience, human action and the political issues of his time.

**Keywords:** Albert Camus, aesthetics, politics

---

<sup>1</sup> Doutorando e Mestre em Direito (UNESP). Doutorando em Filosofia (UFU). Universidade Estadual Paulista (UNESP). Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: [andre.spinieli@unesp.br](mailto:andre.spinieli@unesp.br), Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9712876051495512>

## Introdução: absurdo, existência e práxis estético-política

A obra de Albert Camus<sup>2</sup> (1913-1960) é disputada em diferentes campos do conhecimento. Os temas que foram trabalhados em seus romances, ensaios filosóficos e peças de teatro popular, responsáveis por trazer à tona os debates sobre os sentidos da existência e o impacto das injustiças provocadas pelo neocolonialismo francês sobre a sua terra natal, além de impulsionarem os seus sucessivos combates por emancipação e direitos argelinos<sup>3</sup>, também possibilitaram a sua inclusão no âmbito da filosofia, do direito e das artes literária e teatral (Daniel, 2006, p. 104; Guérin, 2009, p. 887). Enquanto um artista-filósofo<sup>4</sup>, que rejeitou rótulos como existencialista ao mesmo tempo em que lutou a favor da libertação de seu povo, Albert Camus emergiu como uma das principais consciências morais do último século, nos momentos posteriores à Segunda Guerra Mundial – período que contém parcela significativa de sua bibliografia com fundo filosófico. À frente de uma filosofia engajada e capaz de pensar as categorias próprias de seu tempo, ele assumiu um pensamento vocacionado a interferir na incapacidade humana de se conscientizar acerca do absurdo da existência (Lévi-Valensi; Abbou, 1978, p. 537).

Em meio às problemáticas influências que a ideologia alemã e o marxismo trouxeram aos partidos da esquerda argelina, imersos em conformismo e reprodução de respostas estereotipadas<sup>5</sup> (Foxlee, 2006, p. 75-76; Camus, 2008a, p. 559; Sampaio, 2019, p. 207), Albert Camus optou pela via do pensamento mediterrâneo, do justo equilíbrio entre história e natureza (Castoro, 2001, p. 116-117), da tentativa de reconciliar "o coração dolorido dos homens e as

<sup>2</sup> Albert Camus nasceu na Argélia, na cidade costeira de Mondovi, hoje chamada de Dréan. O seu contexto de nascimento foi demarcado por um instante crítico do país: a marcha da neocolonização francesa, representada por projetos de expansão territorial e domínio sociopolítico e cultural em face dos árabes-muçulmanos (Yazbek, 2010, p. 32). O artista-filósofo nasceu em meio à pobreza e em família de anônimos: Lucien Camus e Catherine Sintès – um soldado morto durante a Primeira Guerra Mundial e uma doméstica com vocabulário e comunicação limitados (Onfray, 2012, p. 56). Impossibilitados de fornecer uma educação adequada ao filho, Louis Germain e Jean Grenier, professores, foram os responsáveis pela descoberta da predileção camuseana às artes e à filosofia (Onfray, 2012, p. 56). Após uma vida de conciliações entre as atividades de literato, cronista e pensador, o artista-filósofo faleceu em 1960, em um acidente de carro que também vitimou Michel Gallimard, editor de seus livros.

<sup>3</sup> Os engajamentos políticos de Albert Camus levaram em consideração o combate contra a anulação dos direitos e da cidadania promovida pelo neocolonialismo francês sobre a Argélia, exaltando problemas que respingaram nas esferas dos direitos civis, políticos e sociais. Destacamos a importante participação camuseana na redação do *Manifeste des Intellectuels d'Algérie en faveur du Projet Viollette*, em 1937, quando, por meio de uma significativa crítica aos modelos jurídicos que regiam a vida argelina, buscou influenciar leis que garantissem a identidade árabe-muçulmana no país (Lévi-Valensi; Abbou, 1978, p. 143-144).

<sup>4</sup> Neste trabalho, nomeamos Albert Camus enquanto um "artista-filósofo" por duas razões: a primeira diz respeito ao fato de o próprio autor ter rejeitado títulos de existencialista, o que não retira a sua importância para o pensamento filosófico contemporâneo, mas a propulsão; a segunda está relacionada à tese que procuramos defender com este trabalho, ou seja, a de que o meio adequado para a construção de uma filosofia da revolta não está inicialmente no campo filosófico, mas na experiência estética. Nesse sentido, em *O avesso e o direito*, Albert Camus afirma que "tornei-me artista, se é verdade que não há arte sem recusa nem consentimento". (Camus, 2022, p. 15).

<sup>5</sup> "O conformismo de hoje está à esquerda, é preciso dizer. É verdade que a direita não é brilhante. Mas a esquerda está em plena decadência, prisioneira das palavras, mergulhada em seu vocabulário, capaz apenas de respostas estereotipadas, constantemente falhando diante da verdade da qual ela pretendia justamente extrair suas leis." (Camus, 2008a, p. 559, tradução nossa).

primaveras do mundo" (Camus, 2021, p. 97). Descrente das potencialidades da política de seu tempo e alimentado por um cativante espírito de libertação e justiça<sup>6</sup> (Camus, 2008b, p. 951), que visualiza a *arte* como possibilidade ético-política, Albert Camus propôs uma filosofia que adota como ponto de partida as medidas do abismo existente entre as esperanças dos homens e as respostas indiferentes que o universo nos fornece (Maurois, 1966, p. 327) – condição a que ele denomina "absurda". A ideia de absurdo nos indica um *arremesso* do homem à revelia de uma realidade na qual inexistem respostas objetivas aos problemas da existência humana (Silva, 2014, p. 27; Camus, 2020, p. 27), seja das decisões entre ser livre ou aprisionado ou, ainda, mesmo entre escolher o *reino* e a solidariedade ou o *exílio* e a solidão (José, 2014, p. 20; Camus, 2019, p. 75-78).

Em contextos que comungam aspectos naturais e simbólicos, as constantes ausências de linearidade entre o mundo e as necessidades humanas, na visão de Albert Camus, provocam um sentimento de perplexidade, uma estranheza que se converte constantemente em desorientação. O desabamento dos cenários é evento comum, que possibilitam a origem de uma capacidade perceptiva racional da existência de desconexões profundas entre os objetivos humanos por contiguidades e um mundo que surge como irracional e indiferente (Camus, 2020, p. 15). No centro de uma existência repetitiva e circular, que remonta à imagem sísifíca do home quem rola montanha acima uma pedra que voltará ao seu ponto originário indefinidas vezes (Camus, 2020, p. 137), as respostas aos questionamentos existenciais humanos se tornaram impossíveis. O absurdo é uma característica que acompanha o homem que está-no-mundo (Sartre, 2005, p. 119), capaz de provocar um sentimento de estrangeiridade, a partir do qual os sujeitos se tornam alheios àquilo que ocorre aos seus arredores. O absurdo não existe no homem ou no mundo, de forma separada, mas apenas no vínculo entre eles: "é um exílio sem solução, porque está privado das lembranças de uma pátria perdida ou da esperança de uma terra prometida" (Camus, 2020, p. 15). Em um "universo repentinamente privado de ilusões e luzes" (Camus, 2020, p. 20), a emergência do *estrangeiro* é o diagnóstico de um retorno aos grilhões da existência, e não de um despertar consciente desta realidade.

Na mesma medida em que a filosofia de Albert Camus posiciona o problema do absurdo e o julgamento sobre a validade da vida, ela também aposta na lucidez e na coragem como antídotos contra esse estado de coisas. Ainda no interior de um niilismo, no deserto da existência, a filosofia camuseana vocaliza tentativas de encontrar o que possa ultrapassá-lo<sup>7</sup> (Camus, 2008c, p. 955). A única consequência filosoficamente plausível do absurdo é revoltar-se. Se o homem absurdo desaprendeu a ter esperança, o ato de se revoltar é a certeza de uma fé em desmoraamento, o atestado de um confronto permanente entre o homem e a sua própria obscuridade (Camus, 2020, p. 42). Ainda que o enfrentamento ao absurdo represente um sofrimento individual, a revolta é necessariamente coletiva e retrata a irresignação humana frente ao sentimento compartilhado de que todos os homens sofrem com uma distância que os separam de si mesmos e do mundo: "eu

<sup>6</sup> "Simplesmente, há sempre em mim uma resistência à disciplina geral e eu sempre quis que o grande espírito de libertação e justiça que fez a grandeza e a verdadeira eficácia do movimento reine novamente entre nós." (Camus, 2008b, p. 951, tradução nossa).

<sup>7</sup> "Escrito há quinze anos, em 1940, em meio ao desastre francês e europeu, este livro [*O mito de Sísifo*] declara, pois, que mesmo no interior do niilismo é possível encontrar o que possa ultrapassar o niilismo. [...] Ainda que ele reflita sobre problemas da morte, O mito de Sísifo se resume para mim a um convite lúcido a viver e criar, mesmo no meio do deserto." (Camus, 2008c, p. 955, tradução nossa).

me revolto, logo existimos"<sup>8</sup> (Camus, 2018, p. 38). Para além da revolta histórica, que recusa o tempo presente e clama pela rebelião contra episódios de injustiça, engajando-se a favor da afirmação de princípios e valores (Camus, 2018, p. 149), Albert Camus enxergou nas experiências estéticas de seu tempo uma alternativa concreta para se revoltar diante do absurdo. Ainda que as obras de arte não lhe fossem bastantes e tampouco solucionassem definitivamente o problema da existência humana, elas representam um recurso de testemunho, um veículo que possibilita a construção da sensibilidade entre a pobreza, os humildes e os vaidosos<sup>9</sup> (Camus, 2014, p. 9-10).

Antes mesmo de debater a questão estética na obra de Albert Camus, é importante mencionar que ele não assume como propósito filosófico a constituição de uma ética ou moral particulares, mas de um estatuto que tem por finalidade compreender os motivos pelos quais os homens, frente ao absurdo da existência, optam por diferentes caminhos. O problema que o filósofo franco-argelino está interessado em discutir diz respeito ao "vácuo moral" criado pelo absurdo da existência (Amitrano, 2014, p. 26-27). A partir dessas intuições filosóficas e de seu confronto com as perspectivas estéticas presentes na obra camuseana, abre-se a possibilidade de afirmar a existência de um significativo estatuto político. Em *O homem revoltado*, Albert Camus escolheu a poesia romântica e o surrealismo como movimentos artísticos herdeiros de uma tentativa consciente de conciliar estética e revolta, de transformar as artes literárias e visuais em experiências e meios de agir nesta realidade (Camus, 2018, p. 112-113). Ao mesmo tempo em que impede a renúncia frente ao absurdo, a filosofia da revolta exalta a recusa consciente a esse fenômeno, situando-se enquanto uma postura ético-política que acredita no valor de seu próprio protesto. Esses pressupostos buscam demonstrar, com Albert Camus, que a arte constitui uma categoria intrínseca e indispensável à revolta, uma vez que ela tende a recusar "o mundo por causa daquilo que falta a ele e em nome daquilo que, às vezes, ele é" (Camus, 2018, p. 329).

As experiências estéticas não apenas nutrem os sentidos da revolta e da prática política, mas permitem com que se observe esse movimento do lado de fora da questão histórica, tornando-se aptas a fornecer uma última perspectiva acerca do conteúdo de uma filosofia revoltada. A partir desse ponto de vista, o propósito deste trabalho se volta ao desenvolvimento de uma análise a respeito das trajetórias sobre as quais a filosofia de Albert Camus resgatou o valor da estética enquanto categoria vinculada ao estatuto político, de maneira a indicar não apenas a construção de uma nova dimensão interpretativa para o significado concreto da arte na filosofia contemporânea, mas, principalmente, investigar como a sua filosofia enfrentou a aproximação entre a experiência estética, o agir humano e as questões políticas. Assim, este escrito também aborda como a filosofia camuseana

<sup>8</sup> Na obra *O homem revoltado*, Albert Camus (2018, p. 37-38) indica que a revolta permite ao homem se afastar do exílio solipsista enfrentado pela figura mitológica de Sísifo. Assim, a revolta representa um resgate da solidariedade entre os homens, na busca por uma resposta adequada à exigência de unidade do universo, como uma negativa ao golpe do absurdo à consciência humana. Ainda, a atitude do homem revoltado condiz com a missão de derrubar ordens opressoras, negando qualquer estrutura e sistema de domínio e servidão.

<sup>9</sup> "O que quero dizer: Que se pode ter – sem romantismo – a nostalgia de uma pobreza perdida. Uma certa soma de anos vividos miseravelmente basta para construir uma sensibilidade. [...] A obra é uma confissão, é preciso testemunhar. [...] É nessa vida de pobreza, entre as pessoas humildes ou vaidosas, que eu realmente toquei o que me parece ser o verdadeiro sentido da vida. As obras de arte nunca bastarão. A arte não é tudo para mim. Que ela seja ao menos um meio". (Camus, 2014, p. 9-10).

se apropriou conceitualmente do par ético-estético e suas consequentes implicações no campo da política e da produção de uma consciente filosofia da revolta, a fim de centralizar os vínculos existentes entre estética, ética e política em seu pensamento.

### **A constituição do estatuto estético na obra filosófica de Albert Camus**

A interpretação das entrelinhas presentes nos textos filosóficos de Albert Camus representa um convite bastante específico e interessante aos seus leitores. Ela desperta uma necessidade humanamente intrínseca de externar o desejo de ruptura com perspectivas tradicionais e não transformadoras da estética e da política. Ao negociar os vínculos entre o mundo natural e o mundo simbólico atravessado pela arte, o filósofo prefere inserir em primeiro plano as questões de cunho profundamente pessoais, como o problema do colonialismo francês sobre o território argelino, o flagelo da guerra e a emergência dos totalitarismos. Nesse sentido, enquanto as circunstâncias individuais dos sujeitos são transmitidas em sua obra como restritivas e os afetos e sentimentos são tidos como avassaladores, as dores de uma pátria corrompida, de um sistema de justiça que é propriamente injusto e de cenários que apresentam a incompletude da condição humana são fatores incapacitantes. Ciente desse estado de coisas, Albert Camus encoraja o leitor a enxergar nas experiências estéticas um modelo de compensação, uma forma de corrigir os distanciamentos entre o mundo e os anseios humanos a partir de uma leitura que não a histórica.

Apelando àquilo que caracteriza como uma tradição estética responsável por transcender a solidificação dos períodos históricos, Albert Camus enxerga na grandeza do romance clássico francês um ponto de apoio às lutas contra a miséria da vida humana, à recusa da condição absurda. A filosofia camuseana visualiza em obras românticas que atravessaram a história uma importante incursão aos problemas do sofrimento humano. Na verdade, nenhum dos grandes romancistas teria se afastado dessa questão e, mais do que isso, nenhum deles cedeu ao sofrimento, exercendo uma paciência diante do real, que apenas poderia ser apreendida por meio da arte. Embora visualize essas características em romances clássicos franceses, Albert Camus não deixa de incluir elementos similares em sua obra, com destaque para os heróis absurdos e suas práticas no desenvolvimento dos romances filosóficos, como Meursault em *O Estrangeiro* ou o médico Rieux, em *A Peste*. Se a lida com o sofrimento humano é um atributo fundamental do romance clássico francês, Albert Camus também pensou outros meios pelos quais as experiências estéticas funcionam como recurso contra o absurdo.

A maneira como o filósofo franco-argelino concebe a arte faz com que ela seja vista como uma estrutura utópica, especialmente na medida em que ele apela ao desejo humano pela unidade e linearidade frente à realidade. Não apenas a arte, mas também a religião e outros atributos criativos propriamente humanos, são visualizados por Camus como instâncias responsáveis por fornecer à vida uma forma que ela não tem naturalmente. Se, de um lado, há uma realidade ausente de sentido, que não entrega respostas às perguntas existenciais humanas, de outro, as experiências estéticas surgem como formas de corrigir o mundo e fornecer a ele uma finalidade: o encontro com o destino, que possibilite ao homem experimentar uma resolução, a conclusão de seus questionamentos, que na vida concreta permanecem indisponíveis. Na medida em que transmitem um sentido de unidade, as experiências estéticas e, mais propriamente, a obra de arte respondem a uma

necessidade metafísica da humanidade. Nesse sentido, não seria demais afirmar que as preferências e concepções estéticas que Albert Camus expressa em seus textos estão diretamente conectadas à perspectiva humanista que ele detém no centro de sua filosofia, como recurso que nos possibilita enxergar a ação humana como objeto de sua abordagem filosófica.

É importante mencionar que, em momento algum, Albert Camus deixou de afirmar que as imagens produzidas pelas experiências estéticas seriam inequívocas, corretas e definitivas. Na verdade, elas estariam sujeitas à contestação. Não por acaso, determinadas leituras pós-humanistas feitas a partir da obra do filósofo franco-argelino, como aparece no pensamento decolonial de Franz Fanon, assumiram um terreno crítico distinto, responsável por enxergar que as estruturas moralizantes da vida criativa são objetos de suspeita (O'Brien, 1970, p. 48). Inclusive, a identificação de tópicos que contribuam para um debate sobre o estatuto estético na obra camuseana é uma tarefa que não deve ser empreendida apenas por meio de seus romances, mas também textos filosóficos, cartas e escritos teatrais, sempre tendo claro no horizonte de seu pensamento que a principal questão de sua filosofia é mesmo o sentimento de vazio que invade o ser humano, o absurdo e as alternativas possíveis para combater esse estado. A título de exemplo, a narrativa de Albert Camus em *O mito de Sísifo* está menos preocupada com a filosofia tradicional, com aquilo que os grandes pensadores ocidentais propuseram sobre o sentido último da vida, e muito mais voltada a um sentido filosófico que toca brevemente o problema estético: há um sentimento, um afeto, uma percepção momentânea que as pessoas comuns têm no sentido de que a vida, de repente, passa a não existir. "Como as grandes obras, os sentimentos profundos significam sempre mais do que têm consciência de dizer. [...] Numa esquina qualquer, o sentimento do absurdo pode bater no rosto de um homem qualquer" (Camus, 2020, p. 25).

Ainda nesse texto, Albert Camus indica que a experiência do absurdo é tomada como indicação de que todos os elementos fundamentais para a vida humana estão em jogo. Apesar de o filósofo franco-argelino comparar explicitamente os sentimentos contraditórios que invadem o ser humano frente ao absurdo com categorias próprias da estética e a questão do belo, é importante mencionar que o seu estatuto estético está situado de maneira mais próxima não da análise kantiana do belo, mas do sublime. "[...] emoções cuja base é tão indeterminada, ao mesmo tão confusas e tão 'certas', tão distantes e tão 'presentes' quanto aquelas que a beleza nos oferece ou que o absurdo suscita" (Camus, 2020, p. 25). Em Albert Camus, esses sentimentos são considerados indeterminados e distantes porque sua origem decorre de uma ocorrência fortuita e externa ao controle do indivíduo, mas que, mesmo assim e simultaneamente, estão profundamente presentes no *eu* em razão de sua intensidade emocional perturbadora. Em outras palavras, o filósofo quer indicar que o sujeito não pode encontrar consolo ou mesmo escapar desses sentimentos, que invadem tanto o mundo quanto a si mesmo, como aquele que sinaliza o absurdo. O que interessa à obra filosófica de Albert Camus é que, assim como grandes obras, sentimentos profundos significam sempre mais do que eles se mostram. Embora uma investigação filosófica tenha a capacidade de se apropriar dos sentidos e significados desses sentimentos, o seu conteúdo depende de uma análise externa ao campo filosófico. Por essa razão, o estatuto estético é utilizado na obra camuseana como meio de complementar as inadequações da filosofia, que, por consequência, resta com a tarefa adicional de explicar o todo na medida do

possível, as suas limitações e a enunciar a distância que separa filosofia, experiências, afetos e arte (Carroll, 2007, p. 56-57).

Embora a escrita de Albert Camus abranja diferentes gêneros, ele se mostrou engajado a lidar com as intersecções possíveis entre o político e o estético, entendendo a arte como uma forma de expor a rigidez da existência humana e reivindicar a sua transformação. No ensaio *O artista e seu tempo*, Albert Camus questiona o significado profundo da arte, observando que os seus usos poderiam levar esse recurso à condição de luxo enganoso – tanto que diversos artistas preferiram paralisar as suas experiências estéticas e voltar à verdade. O artista, assim como outros sujeitos, está limitado à realidade tal como é vivenciada e suportada por todos. Nesse sentido, o filósofo franco-argelino reconhece que uma *arte pela arte* representa um instrumento inócuo para a compreensão da realidade. Na medida em que artistas não conseguem atingir as massas, a tendência é que sejam convertidos a uma arte vazia, cuja missão está em traduzir sofrimentos e a felicidades de todos para uma linguagem universalmente compreendida. Albert Camus reconhece que, embora esse ideal de comunicação seja a finalidade de todo grande artista, ela precisa ser exercitada para que, enquanto o artista reste como homem que tem direito à solidão, os demais sujeitos estabeleçam um princípio de comunicação universal (Camus, 1960, p. 264). Assim, o estatuto estético presente na obra camuseana sinaliza que nenhuma experiência estética é criada a partir do nada. Na verdade, para o filósofo franco-argelino, o trabalho criativo assume o seu lugar na realidade e a transforma sempre em uma aproximação que tanto afirma quanto nega o objeto ou a experiência original. A arte é uma estrutura de crítica à realidade absurda, mas jamais se furta ou existe independentemente dela. Ao mesmo tempo em que a arte rejeita a realidade da maneira como ela está configurada, ela também exalta certos aspectos (Camus, 2018, p. 258).

### Estatuto estético e realidade política em Albert Camus

"[...] Nada pode ser mais agradável do que viver no isolamento, deleitar-se com o espetáculo da natureza e ler de vez em quando um livro qualquer."  
— Nikolai Gógol, em *Almas Mortas*

Em escritos filosóficos nos quais o problema das experiências estéticas se faz presente, Albert Camus é cuidadoso ao direcionar algumas linhas para tratar dos potenciais riscos que a constituição de um estatuto estético pode ofertar a uma filosofia politicamente engajada. Mais do que simplesmente afirmar um conceito ou a finalidade da arte, a emergência de um *estatuto* específico na obra camuseana representa o fato de o autor enxergar nesse tipo de experiência um instrumento relevante contra a realidade que o circunda. No ensaio *O artista e seu tempo*, Albert Camus se pergunta sobre a possibilidade de constituir um otimismo forçado, o pior dos luxos e a mais ridícula das mentiras, a partir da arte. Em outras palavras, o filósofo franco-argelino busca encontrar respostas sobre o fator fundante da estética – que é encontrado na *mentira*. Isso porque, na medida em que o sofrimento humano é considerado um assunto tão vasto, ninguém poderia tocá-lo adequadamente, a menos que fosse tão sensível a ponto de aproximar esse fenômeno de suas mãos. De acordo com o filósofo, o problema da mentira como fundamento da estética diz respeito não apenas à constituição da *arte pela arte*, de uma estética esvaziada, mas também de compreensões fingidas e falsas sobre a realidade. Portanto, haveria ao menos dois tipos de padrões filosóficos da estética: de um lado, um modelo que recomenda a rejeição total das vivências concretas e

forjadas a partir da história; de outro, um tipo que pretende rejeitar tudo aquilo que não seja propriamente a vida real (Camus, 1960, p. 264-265).

O vínculo entre a estética e a política é visualizado por Albert Camus nos problemas de seu próprio tempo: o academicismo que invadia as posturas e os partidos políticos de direita e esquerda fazia com que, independente do caso, a miséria do povo argelino apenas se fortalecesse enquanto a arte tivesse a sua importância suprimida. Apesar de colocar em suspeita os fundamentos da experiência estética e da obra de arte, Albert Camus rejeita a ideia de que a essência da arte é a mentira. Segundo o filósofo, pelo contrário, a mentira mantém poucos elementos semelhantes à arte. Embora seja complexo apresentar uma definição conclusa sobre ela, é certo que a filosofia camuseana atribui ao artista o caráter do gênio kantiano, esplêndido e solitário, que é constantemente chamado a se assemelhar ao todo da realidade – ainda que ela seja mais complexa. A experiência estética é impossível sem a realidade, assim como a realidade é ausente de significados (ou insignificante) sem ela. A partir disso, nasce para a obra de Albert Camus a necessidade de esclarecer como a arte é capaz de viver sem a realidade e como ela poderia existir sem lhe ser subserviente.

O artista escolhe seu objeto tanto quanto é escolhido por ele. A arte, em certo sentido, é uma revolta contra tudo o que é passageiro e inacabado no mundo. Consequentemente, o seu único objetivo é dar outra forma a uma realidade que, no entanto, é forçada a preservar como fonte da sua emoção. [...] A arte não é uma rejeição completa nem uma aceitação completa do que é. É simultaneamente rejeição e aceitação, e é por isso que deve ser uma ruptura perpetuamente renovada. O artista vive constantemente nesse estado de ambiguidade, incapaz de negar o real e, no entanto, eternamente obrigado a questioná-lo nos seus aspectos eternamente inacabados. (Camus, 1960, p. 264, tradução nossa)

Albert Camus sinaliza que o artista está constantemente inserido em um estado de ambiguidade que o coloca como um sujeito incapaz de negar a realidade e seus desdobramentos, mas, ao mesmo tempo, eternamente obrigado a questioná-lo, por meio da arte, em seus aspectos inacabados, como a ausência de linearidade e o sentimento do absurdo. Nesse sentido, o filósofo franco-argelino apresenta um interessante exemplo de como essa relação se constrói: para que um artista seja capaz de pintar uma natureza morta, é fundamental que exista um confronto e ajuste mútuo entre o pintor e uma maçã, por exemplo. Essa perspectiva indica que o mundo real, concreto e absurdo oferta aos artistas o seu esplendor, corpos e estátuas, possibilitando um enfrentamento e acordo mútuo. Embora critique as hostilidades e acusações que pesaram sobre as perspectivas estéticas ao longo da história da filosofia ocidental, indicando que os artistas contemporâneos chegaram ao instante de se balizar pelos critérios do arrependimento e da confiança irrestrita na beleza (Camus, 2018, p. 330), Albert Camus não deixa de reconhecer que a arte possui a singular capacidade de apresentar (e construir) uma nova dimensão para a humanidade, em que o simultâneo aceite e recusa do real estejam afirmados conjuntamente na obra de arte (Amitrano, 2012, p. 41-44).

Aproximar as experiências estéticas das atitudes de revolta política significa afirmar que o artista e sua produção artística devem representar um paradigma de recusa da condição absurda. Na visão camuseana, ainda que a beleza não seja individualmente revolucionária, ela funciona como um meio para enunciar as necessidades humanas, ao ponto de que todas as revoluções, independentemente

de sua magnitude, são dependentes dela (Camus, 2018, p. 358). As experiências estéticas e a revolta dividem uma mesma regra: além de contestar as trajetórias desta realidade, também fornecem a sua unidade<sup>10</sup>. O artista-filósofo revela a importância da arte para a emergência de uma filosofia da revolta ao mostrar que os revoltados que rejeitam a natureza e a beleza (Bernstein, 1974, p. 35) tendem a banir da história os seus princípios fundamentais e as necessidades humanas primárias nesta existência, que são a liberdade e a dignidade (Camus, 2018, p. 358). Ainda que seja possível rejeitar todo o sentido da história, formada pela soma das revoltas, o homem é incapaz de ignorar a beleza do natural. Para Albert Camus, se partirmos do pressuposto de que a história tem um fim, não caberia ao homem determiná-lo, mas apenas criá-la continuamente à imagem daquilo que temos como verdadeiro: a natureza e a arte (Camus, 2018, p. 358). As experiências estéticas nos ensinam que o homem não deve ser resumido apenas aos fatores históricos, já que também se encontra inscrito à ordem natural<sup>11</sup>.

A sua filosofia revolta exprime na arte uma aproximação incontornável com a natureza: são os lugares privilegiados em que o universal se une com o particular, formando a unidade e o estado final da lucidez humana (Camus, 2018, p. 334; Ilari, 2019, p. 99). Em Albert Camus, da mesma maneira como a arte não corresponde à recusa irrestrita do real, as experiências estéticas não surgem da ausência de sentido. Por assim dizer, a arte representa uma estrutura de linguagem que, associada à atividade criativa do homem, contesta a realidade sem dela se esquivar. Para o artista-filósofo, a possibilidade de transcendência não está em categorias metafísico-religiosas, mas na vivacidade da beleza, que pode fazer com que "esse mundo moral e limitado seja amado e preferido a qualquer outro" (Camus, 2018, p. 335). A arte é um instrumento necessário para o retorno às origens da revolta, que evidencia a fragilidade da política e das soluções que os homens buscam para dar conta da absurdidade do real (Leblanc, 1999, p. 129). A política tenta reconstruir na história aquilo que apenas os artistas souberam criar em suas obras: "um mundo sempre pronto a satisfazer a fome de liberdade e de dignidade que existe no coração de cada homem" (Camus, 2018, p. 358).

A perspectiva existente na obra de Albert Camus sobre o homem absurdo afirma que a sua pretensão não é explicar e resolver a realidade à qual está limitado, mas principalmente experimentá-la e descrevê-la (Camus, 2020, p. 112). O lugar da experiência estética no pensamento de Albert Camus está relacionado à inutilidade das explicações e à consequente perenidade das sensações<sup>12</sup>. O artista-filósofo compreende que, enquanto estrutura descritiva da realidade, a

<sup>10</sup> "Sem dúvida, a beleza não faz revoluções. Mas chega um dia em que as revoluções têm necessidade dela. Sua regra, que contesta o real ao mesmo tempo em que lhe confere sua unidade, é também a da revolta". (Camus, 2018, p. 358).

<sup>11</sup> "Talvez a história tenha um fim; nossa tarefa, no entanto, não é terminá-la, mas criá-la à imagem daquilo que doravante sabemos ser verdadeiro. A arte, pelo menos, nos ensina que o homem não se resume à história, que ele encontra também uma razão de ser na ordem da natureza. [...] Sua revolta mais instintiva, ao mesmo tempo que afirma o valor e a dignidade comum a todos, reivindica obstinadamente, para com isto satisfazer sua fome de unidade, uma parte intacta do real cujo nome é a beleza. Pode-se recusar toda a história, aceitando, no entanto, o mundo das estrelas e do mar. Os revoltados que querem ignorar a natureza e a beleza estão condenados a banir da história que desejam construir a dignidade do trabalho e da existência." (Camus, 2018, p. 358).

<sup>12</sup> "Para o homem absurdo, não se trata de explicar e resolver, mas de sentir e descrever. Tudo começa com a indiferença clarividente. Descrever, eis a suprema ambição de um pensamento absurdo. [...] A explicação é inútil, mas a sensação perdura e, com ela, os incessantes chamados de um universo inesgotável em quantidade. Agora se entende o lugar que ocupa a obra de arte." (Camus, 2020, p. 112).

estética fornece justificativas adequadas sobre o mundo absurdo. Ela não oferece qualquer tentativa de nos livrarmos do absurdo, mas descrever a realidade e cria uma compreensão complexa acerca dessa categoria (Wittmann, 2009, p. 105). A obra de arte não define rotas de fuga da realidade absurda e tampouco busca anulá-la. Na verdade, ela oferece uma perspectiva distinta do mundo: a estética mostra ao homem alternativas de agência em um mundo absurdo, associando-se ao campo da moralidade (Camus, 2020, p. 112-114) e fundando uma importante reflexão acerca do par ético-estético na contemporaneidade (Amitrano, 2012, p. 49). Essa imagem que o pensamento de Albert Camus forja a respeito da arte se insere em uma dupla constatação: ela não deve ser entendida como uma fuga do absurdo, mas enquanto uma estrutura que transmite uma forma de entender o mundo, fornecendo a possibilidade de utilizar o pensamento para recriar o universo<sup>13</sup>. Ele visualiza na arte uma abertura para que os sujeitos reconstruam o universo a partir das condições que enfrentam na realidade, atingindo um acordo mútuo com elas e com os problemas morais que, em sua perspectiva, afastam o artista do mundo (Wittmann, 2009, p. 106-107).

Se, em um primeiro instante, a construção do ponto de vista de Albert Camus a respeito da arte emerge de sua tentativa de conduzi-la enquanto instrumento necessário à reinvenção da realidade absurda<sup>14</sup>, em outro momento, torna-se preciso reconhecer as funções das experiências estéticas como importantes mecanismos às revoltas históricas e políticas. Essa dimensão não apenas vincula a filosofia camuseana a uma perspectiva que revitaliza o par ético-estético na contemporaneidade, mas também que resgata a arte como categoria útil para a problematização moral e política, fornecendo bases para se pensar a realidade operária, os rumos de sua terra natal colonizada e o cenário mediterrânico à luz das contradições entre as belezas da natureza – o sol do meio-dia e o mar, descritos em *O Estrangeiro* – e a pobreza do povo argelino<sup>15</sup> (Lévi-Valensi, 2006, p. 22). A filosofia revoltada de Albert Camus, ao se ancorar em uma arte engajada como categoria válida para instituir novas maneiras de refletir a condição humana e a realidade circundante, nos mostra que a arte possui uma natureza dúplice: ela representa uma estrutura criativa, que se coloca como instrumento de resistência política (Leblanc, 1999, p. 129-130).

Para Albert Camus, os diálogos entre a criatividade artística e as proposições morais e políticas têm como função primordial a restauração de uma dignidade perdida pela humanidade desde o instante em que a ciência deixou de corresponder às reivindicações metafísicas (Leblanc, 1999, p. 129). Em seus

<sup>13</sup> "Seria um erro ver aqui um símbolo e acreditar que a obra de arte possa ser considerada um refúgio diante do absurdo. Ela é em si mesma um fenômeno absurdo e a questão é apenas descrevê-lo. Não oferece uma saída para o mal do espírito. É, ao contrário, um dos sinais desse mal, que o repercute em todo o pensamento de um homem. Mas, pela primeira vez, tira o espírito de si mesmo e o coloca diante de outro, não para que se perca, mas para mostrar-lhe com um dedo preciso o caminho sem saída em que todos estão comprometidos." (Camus, 2020, p. 113).

<sup>14</sup> Por isso, em *O mito de Sísifo*, Albert Camus (2020, p. 114-115) se pergunta constantemente sobre a viabilidade de uma "obra absurda". Para o artista-filósofo, para que uma obra de arte absurda – ou seja, que dialogue com o mundo onde ela está inserida – seja possível, é necessário que um pensamento lúcido e corajoso esteja inserido nela, como uma inteligência ordenadora.

<sup>15</sup> "O romance camuseano, fundado na ou pela clarividência e na paixão, aparece como o sinal de uma vitória de Camus sobre si mesmo, e de sua linguagem sobre certo número de obstáculos ou tentações. [...] esta infância trabalhadora é também uma infância mediterrânica: a realidade em que se desenrola é também a de uma natureza deslumbrante [...]. O sol e o mar, o verão e a luz da Argélia, se não eliminaram a pobreza, pelo menos permitiram que ela não fosse o único modo de presença de Camus no mundo." (Lévi-Valensi, 2006, p. 22, tradução nossa).

escritos, o artista-filósofo se rebelou contra visões que compreendiam as relações entre o estético e o político como derivadas da ideia de que o trabalho artístico está desvinculado da realidade e que a arte pressuporia certa separação entre pensamento e ação. Contra esse posicionamento, o que faz do artista-filósofo uma fonte segura neste trabalho para discutir os seus apelos ao valor da estética para se revoltar frente ao absurdo, Albert Camus compreendeu a arte como uma instância participativa. Ao transitar entre as questões éticas, estéticas e políticas, a filosofia revoltada impede lacunas entre o agir criativo, o agir moral e as causas políticas: a arte potencializa a formação do sujeito moral.

### **Considerações finais: Albert Camus, um artista revoltado e sua criação**

As obras literárias, teatrais e filosóficas que compõem o pensamento de Albert Camus foram responsáveis pela afirmação de uma postura coerente diante do absurdo da existência humana: a revolta consciente – um confronto do homem com a sua própria condição e, mais que isso, um posicionamento frente à realidade, capaz de questionar o mundo a cada segundo<sup>16</sup> (Camus, 2020, p. 68). A sua filosofia da revolta representa um convite à necessidade que temos de reconhecer o caráter finito da existência como um chamado ao agir humano transformador. Em suas trajetórias de combates morais e políticos, o artista-filósofo nutriu um sentimento de revolta orgânica contra o absurdo e não reconheceu nessa categoria uma qualidade que torna a condição humana resistente à esperança, mas sim uma base ética e filosófica, um modelo de existir que se intensifica gradualmente em todos os lugares e situações (Camus, 2020, p. 68-69). Ao se indignar, Albert Camus encontrou nas experiências estéticas uma forma de criticar o distanciamento entre aqueles que renunciaram à existência, retornando aos seus grilhões, e outros que se apoiaram na revolta e resistiram à tentação de abandonar uma existência futilizada, trabalhando para afirmá-la à escolha humana.

Os combates por direitos e cidadania, travados em nome dos argelinos, fizeram com que o artista-filósofo se inquietasse quanto ao sentimento que distingue o pensar e o agir. Assim como ele não conseguia conceber essas categorias como afastadas entre si, a sua obra buscou ampliar esse problema filosófico para os campos da ética, da estética e das causas políticas (Leblanc, 1999, p. 129). Não por outro motivo, Albert Camus enxergou a arte como um instrumento de abertura do pensamento às questões práticas, que deve evocar a sua função sempre conciliada com a participação transformadora do homem na realidade absurda (Cruickshank, 1959, p. 23). O pensamento camuseano reservou um lugar especial para a questão estética, demonstrando que, embora não seja suficiente para contornar o absurdo, ela representa um primeiro passo para se discutir as questões filosóficas, de matriz ética e política. Assim como uma vida moral e os problemas políticos exigiam, as experiências estéticas não podem ser objeto de arrependimentos (Camus, 2018, p. 331).

Ao reconhecer a criatividade artística como uma das ferramentas mais elevadas da atividade intelectual humana, significativa para o preenchimento das lacunas presentes entre o valor da existência e o agir ético-político necessário para ordená-la (Leblanc, 1999, p. 129-131), a filosofia camuseana foi capaz de conceber

<sup>16</sup> "Essa revolta dá seu valor à vida. [...] Consciência e revolta, estas recusas são o contrário da renúncia. [...] O absurdo é sua tensão mais extrema, aquela que ele mantém constantemente com um esforço solitário, pois sabe que com essa consciência e com essa revolta dá testemunho cotidianamente de sua única verdade, que é o desafio." (Camus, 2020, p. 69).

o artista analogicamente aos sujeitos morais e políticos e a criação artística de maneira aproximada às práticas éticas e políticas (Leblanc, 1999, p. 129-131). A defesa desses pressupostos permite ao artista-filósofo resgatar os valores do par ético-estético na contemporaneidade e a sua centralidade nos processos de revolta como estrutura moral de recusas. A criatividade representou uma resposta valorativa da obra literária, teatral e filosófica de Albert Camus ao absurdo da existência humana: a experiência artística é uma firme abertura às revoltas morais e políticas porque, ao criar a beleza fora da história, rejeitando a miséria e a pobreza, ela contraria a tentativa de transformar o sentido da história em beleza absoluta. Além de permitir ao homem enxergar a realidade como ela é, a arte também se assume como fundamento para a revolta<sup>17</sup> (Camus, 2022, p. 15).

As memórias coloniais que experimentou em sua juventude lhe preservaram de dois perigos que colocam em risco a vida de qualquer artista: o ressentimento e a satisfação (Camus, 2022, p. 14). Uma revolta artisticamente construída faz com que os homens revoltados não consintam com a realidade e tampouco utilizem a experiência artística como meio de prazer. Albert Camus rejeita a *art pour art* e as posições que afirmam a existência de valores intrínsecos nela. O que torna a experiência estética potente para uma filosofia da revolta é a situação que ele indica para o valor da arte: ela não pode ser a finalidade ou o sentido de uma vida<sup>18</sup> (Camus, 2020, p. 115), mas um instrumento que assume funções cognitivas e morais. A missão primordial da arte é promover a consciência a respeito do absurdo, revelando que lutamos por um significado inatingível da existência, e desenvolver atitudes de revolta, que nos fazem aceitar o absurdo como um fato e rejeitá-lo como norma (Pölzer, 2020, p. 367).

A experiência estética tem o poder de nos aproximar do ideal da existência absurda. A arte não existe sem a recusa consciente e revoltada da realidade à qual estamos vinculados, assim como também não pode ser concebida sem o consentimento do artista. Com Albert Camus, ao mesmo tempo em que ela ensaia uma fuga da realidade absurda, a arte também se assume como revolta e não se satisfaz com esse estado de coisas (Camus, 2022, p. 15). Nesse sentido, os encontros realizados entre a beleza do universo – da arte criada ou do belo presente na natureza – e as experiências políticas, que enunciam a pobreza e a indiferença, permitem desvendar uma injustiça fundamental: é preciso se revoltar para que os homens escapem às marcas da miséria e da feiura<sup>19</sup> (Camus, 2022, p. 16). Assim, esse resgate da arte é importante para assumir uma postura de revolta e criticar as divisões existentes entre o pensar e o agir humano (White, 2006, p. 558).

<sup>17</sup> As suas revoltas foram iluminadas pela beleza do universo, demarcada em seu pensamento pela luz solar que espalhava suas riquezas sobre a miséria histórica que atingiu a sua infância na Argélia. Em *O avesso e o direito*, Albert Camus afirma que "a miséria impediu-me de acreditar que tudo vai bem sob o sol e na história; o sol ensinou-me que a história não é tudo. Mudar a vida, sim, mas não o mundo do qual eu fazia minha divindade." (Camus, 2022, p. 14).

<sup>18</sup> "A obra absurda exige um artista consciente dos seus limites e uma arte em que o concreto não signifique nada além de si mesmo. Ela não pode ser o fim, o sentido e o consolo de uma vida. Criar ou não criar não muda nada. O criador absurdo não se apegua à sua obra. Poderia renunciar a ela; às vezes, renuncia." (Camus, 2020, p. 115).

<sup>19</sup> "[...] quando a pobreza se conjuga com esta vida sem céu nem esperança, que, ao chegar à idade de homem, descobri nos horríveis subúrbios de nossas cidades, então a última injustiça, e a mais revoltante, está consumada: é preciso fazer tudo, na verdade, para que esses homens escapem da dupla humilhação da miséria e da feiura." (Camus, 2022, p. 16).

## Referências

- AMITRANO, Georgia Cristina. A arte como exílio da condição humana: uma análise ético-política da estética contemporânea. **Ensaaios Filosóficos**, v. 6, n. 1, p. 38-56, out. 2012.
- AMITRANO, Georgia Cristina. **Albert Camus**: um pensador em tempos sombrios. Uberlândia: EDUFU, 2014.
- BERNSTEIN, David N. Camus, reflections on nature. **Chimères**, v. 8, n. 1, p. 32-53, 1974.
- CAMUS, Albert. **Actuelles I**: chroniques algériennes (1944-1948). Paris: Gallimard, 1950.
- CAMUS, Albert. **Bodas em Tipasa**. Trad. Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Record, 2021.
- CAMUS, Albert. **Cadernos (1935-37)**: esperança no mundo. Trad. Raphael Araújo e Samara Geske. São Paulo: Hedra, 2014.
- CAMUS, Albert. Le socialisme des potences. In: CAMUS, Albert. **Oeuvres complètes (1957-1959)**. Paris: Gallimard, 2008a.
- CAMUS, Albert. **O avesso e o direito**. Trad. Valerie Rumjanek. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2022.
- CAMUS, Albert. **O exílio e o reino**. Trad. Valerie Rumjanek. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- CAMUS, Albert. **O homem revoltado**. Trad. Valerie Rumjanek. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Trad. Ari Roitman e Paulina Wacht. 19. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.
- CAMUS, Albert. Préface à l'édition américaine du "Mythe de Sisyphe". In: CAMUS, Albert. **Oeuvres complètes (1949-1956)**. Paris: Gallimard, 2008c.
- CAMUS, Albert. Réponse à Domenach. In: CAMUS, Albert. **Oeuvres complètes (1957- 1959)**. Paris: Gallimard, 2008b.
- CAMUS, Albert. **Resistance, rebellion, and death**. Trad. Justin O'Brien. New York: Alfred A. Knopf, 1960.
- CARROLL, David. Rethinking the absurd: Le Mythe de Sisyphe. In: HUGHES, Edward J. (Ed.). **The Cambridge Companion to Camus**. London: Cambridge University Press, 2007.
- CASTORO, Piero. **Albert Camus**: il pensiero meridiano. Nardó: Besa, 2001.
- CRUICKSHANK, John. **Albert Camus and the literature of revolt**. London: Oxford University Press, 1959.
- DANIEL, Jean. **Avec Camus**: comment résister à l'air du temps. Paris: Gallimard, 2001.
- FOXLEE, Neil. Mediterranean humanism or colonialism with a human face? Contextualizing Albert Camus' "The New Mediterranean Culture". **Mediterranean Historical Review**, v. 21, n. 1, p. 75-94, jun. 2006.
- GUÉRIN, Jeanyves. **Dictionnaire Albert Camus**. Paris : Robert Laffont, 2009.
- ILARI, Juan Blanco. Albert Camus: el arte como transfiguración de la experiencia. **Revista Criação & Crítica**, v. 1, n. 10, p. 95-106, maio 2013.

- JOSÉ, Caio Jesus Granduque. **Albert Camus e o direito**: itinerário libertário para uma filosofia jurídica. 314 f. Tese (Doutorado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- LEBLANC, John Randolph. Art and politics in Albert Camus: beauty as defiance and art as spiritual quest. **Literature & Theology**, v. 13, n. 2, p. 126-148, jun. 1999.
- LÉVI-VALENSI, Jacqueline. **Albert Camus ou La naissance d'un romancier** (1930-1942). Paris: Gallimard, 2006.
- LÉVI-VALENSI, Jacqueline; ABBOU, André (Orgs.). **Cahiers Albert Camus III: fragments d'un combat** (1938-1948) – Alger Républicain. Paris: Gallimard, 1978.
- O'BRIEN, Conor Cruise. **Camus**. Glasgow: Collins, 1970.
- ONFRAY, Michel. **L'ordre libertaire**: la vie philosophique d'Albert Camus. Paris: Flammarion, 2012.
- PÖLZER, Thomas. Camus on the value of art. **Philosophia**, v. 1, n. 48, p. 365-376, 2020.
- SAMPAIO, Leandson Vasconcelos. O pensamento mediterrâneo-libertário de Albert Camus. **Revista Lampejo**, v. 8, n. 2, p. 206-213, 2019.
- SARTRE, Jean-Paul. Explicação de O Estrangeiro. In: SARTRE, Jean-Paul. **Situações I**. Trad. Cristina Prado. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- SILVA, Gabriel Ferreira da. **"Esculpir em argila"**: Albert Camus – uma estética da existência. São Paulo: Educ, 2014.
- WHITE, Holly. Practicing Camus: the art of engagement. **CrossCurrents**, v. 55, n. 4, p. 554-563, 2006.
- WITTMANN, Heiner. **Aesthetics in Sartre and Camus**: the challenge of freedom. Trad. Catherine Atkinson. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2009.
- YAZBEK, Mustafa. **A revolução argelina**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

Recebido em: 07/2024  
Aprovado em: 01/2025